

A construção da identidade pessoal realizada a partir do desenho e da cultura material.

La construcción de la identidad personal a partir del dibujo y de la cultura material.

The construction of personal identity through drawing and material culture.

Helena Barbosa

ID+ - Instituto de Investigação em Design, Media e Cultura – Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro.

helenab@ua.pt

Artigo apresentado no 1er Congreso Internacional “Arte, Ilustración y Cultura Visual en Educación Infantil y Primaria: construcción de identidades”. Granada (España) de 3 a 6 de Novembro de 2010.

Tipo de artigo: Artigo de revisão.

RESUMO

As imagens não só são meios de estabelecer a comunicação, mas actuam também como portadoras de significado e de influência no trabalho para nos representar e representar as nossas relações com os outros. No contexto da cultura portuguesa, este artigo pretende revelar a minha experiência pessoal, ou seja, como a cultura material e as imagens acabaram por exercer uma influência na construção da minha identidade. Para isso, apresento alguns exemplos que se tornaram referências chave em alguns momentos do meu desenvolvimento, exemplificando como esse universo de imagens desempenhou um papel fundamental na construção sucessiva da minha identidade (por exemplo, na transição da infância para a idade adulta) e como estas ainda se reflectem, actualmente, na minha carreira e na minha vida. O artigo tenta demonstrar que estas representações não são apenas veículos de valor pessoal, mas também sustentam (a evocação de desejos, afectos e memórias) o fortalecimento das relações interpessoais. A maior relevância do artigo, ao nível da comunicação visual, é que, pelo estudo desses aspectos “imponderáveis” de como funcionam as imagens, se possa chegar a uma compreensão mais rica de tudo o que pode estar envolvido na comunicação e na ressonância que estas imagens visuais proporcionam.

Palavras-chave: identidade pessoal, cultura material, desejos, afectos, memórias.

RESUMEN

Las imágenes no son sólo medios para establecer comunicación, actúan también como portadoras de significado e influencia en el trabajo que nos representa y representa nuestras relaciones con los demás. Tomando como referencia el contexto de la cultura portuguesa, este artículo expone mi caso personal, analizando cómo las imágenes de mi infancia han actuado en mí, representándome y representando mis relaciones. Les presento algunos ejemplos de imágenes que se han convertido en referencias clave en algunos momentos de mi desarrollo, ejemplificando cómo este universo de imágenes jugó un papel fundamental en la sucesiva construcción de mi identidad (por ejemplo, en la transición de la infancia a la edad adulta) y cómo todavía se reflejan actualmente en mi carrera y en mi vida. El artículo intenta demostrar que estas representaciones no son únicamente vehículos de valor personal, sino que también apoyan (mediante la evocación de deseos, de afectos y memorias) el fortalecimiento de las relaciones interpersonales. El aspecto más relevante del artículo, a nivel de comunicación visual, es que mediante el estudio de estos aspectos “imponderables” de cómo funcionan las imágenes, se puede llegar a una comprensión más rica de todo lo que puede estar involucrado en la comunicación y la resonancia que proveen estas imágenes visuales.

Palabras Clave: identidad personal, cultura material, deseos, afectos, memorias.

ABSTRACT

Images are not only means of establishing communication, they act also as carriers of meaning and influence and work to represent us and our relations with others. In the context of Portuguese culture, this paper aims to show my personal case of how images have, since childhood, acted for me in these respects. I will show some examples of images that became key references at different times in my development, exemplifying how this universe of images played a key role in the successive construction of my identity (e.g. in the transition from childhood to adulthood) and how they are still reflected in my career and life today. The paper aims to demonstrate that these representations are not only vehicles of personal value, but they are also underpinned (through evoked desires, affections and memories) the strengthening of interpersonal relationships. The wider thesis and relevance of the paper for visual communication is that it is by studying how these “imponderable” aspects of the work of images occur that we can come to a richer understanding of all that is involved in communication and resonance through visual images.

Keywords: personal identity, material culture, desire, affections, memories.

INTRODUÇÃO

O universo da cultura material é vasto e tem uma importante componente afectiva, assumindo um valor muito maior do que normalmente se atribui numa primeira instância. Dado o seu interesse, este artigo pretende revelar uma espécie de autobiografia em imagens, sublinhando a importância dos seus efeitos na construção da minha identidade. Numa primeira fase explicam-se dois contextos históricos, um relacionado com a dimensão pessoal e outro com os acontecimentos sócio-político e culturais. A pertinência destes contextos permite não só uma compreensão da identidade como também do meio em que estive inserida. A relação do conjunto é determinante para perceber quais os acontecimentos que se sucederam em ambos os contextos e em função das épocas, como também é importante para perceber qual foi a forma do acesso ao universo de artefactos, influenciada pelos constrangimentos históricos.

Para o entendimento desta sequência factual, procedeu-se à recolha da cultura material segundo duas tipologias: uma associada à produção existente no âmbito da cultura portuguesa e outra centrada na minha produção. A recolha consistiu em seleccionar exemplos que fossem considerados pertinentes para poder ilustrar, de forma concreta, uma espécie de causa-efeito, demonstrando, de forma evidente, as influências recebidas pela cultura material e os seus impactos na minha vivência.

Relativamente aos objectos existentes, procuraram-se referentes que serviram de modelo e de inspiração para essa produção pessoal. Com os respectivos exemplos procurou-se explicar marcos importantes que constituíram valores basilares da minha identidade. Assim a cultura material é explicada não só ao nível da sua natureza formal como também enquanto construtora de significado, quer por aquilo que representa, quer pelo que evoca. Só assim é possível obter um enfoque no universo dos sentidos onde predominam, os desejos, os afectos e as memórias, que explicam como estes artefactos se tornaram nos modelos e nas referências que deram origem à construção da identidade.

Na amostra recolhida relativa à produção pessoal, procuraram-se exemplos em diversos momentos cronológicos, cujo resultado indicasse uma relação próxima com a cultura

material disponível, de modo a entender a correlação entre ambas, no sentido de evidenciar as respectivas influências. Entende-se que esta construção de sentido, efectuada a partir de uma autobiografia em imagens, pode contribuir para uma nova dimensão do conhecimento relacionada com a cultura material.

1. CONTEXTO PESSOAL E HISTÓRICO

Nasci em Angola, em 1968, durante a guerra pela independência desse país, por o meu pai ser oficial do exército e a minha mãe, uma apaixonada irredutível, ter decidido ir ter com ele, levando consigo o meu irmão e irmã mais velhos. Desta década e de Angola não existem memórias uma vez que regresssei a Portugal no ano seguinte, para voltar a viajar e viver em Moçambique entre 1973 e 1975. Só a partir deste período é que tenho recordações das minhas primeiras referências da cultura material.

A primeira reside na companhia aérea de transportes portuguesa – TAP, uma vez que a experiência de andar de avião me marcou profundamente. Em Moçambique não existia televisão em casa e os livros e brinquedos eram raros face à situação transitória que se vivia. Os tempos livres eram preenchidos com os gatos que proliferavam no jardim, com a construção dos nossos brinquedos e de alguns comprados, e ainda com a realização de desenhos (Figura 1).

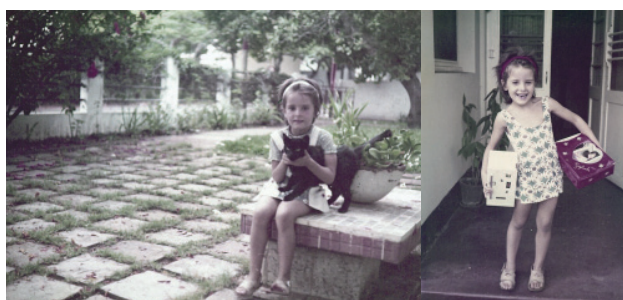


Figura 1. No jardim com o gato e com os meus brinquedos. Fonte própria.

O contacto com o desenho deu-se pela mão do meu pai, que nos sentava junto de uma mesa, disponibilizando os tradicionais marcadores, lápis de cor e papel branco. Era um momento especial, era uma honra fazer desenhos porque era o meu pai que os pedia. Como meus desenhos eram

valorizados como autênticas obras de arte, talvez por isso o meu interesse por esta área se tenha manifestado desde muito cedo. Se o mundo do desenho foi incentivado pelo meu pai, o mundo dos afectos foi promovido pela minha mãe.

Paralelamente, o acesso à cultura visual fazia-se através do bilhete postal e dos selos, com a troca de correspondência entre avós e tios-avós que ficaram em Portugal, tendo mais tarde desenvolvido um interesse enquanto colecionadora de ambos. Em 1973, ingresso na escola primária, com cinco anos e as imagens presentes nas sebentas e sobretudo as ilustrações dos livros de leitura criaram uma empatia pela qualidade dos desenhos da imagem e da tipografia, desenvolvendo em mim um gosto pelo livro e pela leitura.

De regresso a Portugal o primeiro impacto visual deu-se com a presença de cartazes políticos, face à revolução de 25 de Abril de 1974 que originou a queda do regime do Estado Novo. E das imagens fixas passei a ter acesso ao universo das imagens em movimento com a aquisição de uma televisão, nos finais dos anos 70. Para além da TV, os livros passaram a ser habituais e aos treze anos de idade decido seguir a área de Arte e Design que me conduziu até à Escola de Belas Artes do Porto onde concluí, em 1992 a licenciatura em Design de Comunicação/Arte Gráfica.

Em 1990, decido iniciar a minha actividade profissional seleccionando a via de ensino, sob a influência da minha mãe, enquanto professora do ensino secundário e após a licenciatura passei a exercer a profissão de designer. Desde 1998, até à actualidade, integro o corpo docente do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro, onde o universo disciplinar que lecciono variou entre Projecto em Design, Geometria, Reprografia, Desenho, Teoria e História do Design e História do Design Português. Estas disciplinas influenciaram o meu percurso não só como docente mas também como investigadora, destacando-se, o desenho, o design, o cartaz e a toda a produção da cultura material portuguesa no âmbito da disciplina de História.

2. OS MODELOS E OS REFERENTES DA CULTURA MATERIAL

Donald Norman quando refere que os objectos atractivos funcionam melhor, explica que “as emoções positivas são tão importantes como as negativas: as positivas são essenciais para a aprendizagem, para a curiosidade e para o pensamento criativo, tanto é assim que a investigação actualmente em curso está a prestar cada vez mais atenção a esta dimensão. (...) O estado negativo de afecto faz com que se centrem em detalhes que são problemáticos, e esta estratégia não é a procura de uma solução, põe-se mais tensos, estão mais inquietos e acrescentam a concentração nestes detalhes problemáticos. (...) Dito por outras palavras, as pessoas que se sentem alegres são mais eficazes na hora de encontrar soluções alternativas e, portanto, se mostram tolerantes frente às dificuldades” (NORMAN, 2004).

O conceito de modelo, na minha vivência reflecte a ideia apresentada por Norman, ou seja, o modelo não se restringe unicamente à cultura material, mas também pressupõe a existência de relações interpessoais, onde o desenvolvimento emocional parece ser o condutor principal entre o universo dos objectos e das pessoas. As transições entre estes domínios são realizadas de forma diversa, ou através das pessoas que por oferecerem um artefacto, o tornam num modelo e/ou num referente, não pelo objecto em si, mas pela sua associação a quem o deu. Ou ainda, pela forma de contacto pessoal com esse objecto onde a interação provoca emoções e memórias, ou seja, a atracção pelo objecto em si, onde as relações interpessoais são relegadas para um segundo plano. O objecto, então, torna-se no principal motivo de interesse e por isso é considerado como modelo ou como referente.

Os referentes da cultura material são representativos em número, mas nem todos se reverteram em modelos. Então, o modelo é por natureza a excepção, enquanto os referentes não conseguem atingir esse mesmo grau de singularidade. No entanto, não deixam de constituir marcos importantes na construção de sentido da identidade, como também não se tornaram suficientemente importantes para se transformarem em modelos, e por isso se consideram referentes.

A decisão de escolha será a acção que determina o enquadramento de cada artefacto, ou seja, se ele se torna num modelo ou num referente. Existem razões diversificadas que dão origem a essa decisão, mas o motivo principal talvez resida na empatia que surge relacionada com o objecto e da sua relação com o ambiente em que se insere, não só com o espaço físico, mas também com o espaço emocional. Essa empatia pode ser instantânea no primeiro contacto estabelecido com o objecto, ou pode ser construída à posteriori, função de situações específicas que sucederam e que contribuíram para a atribuição dessa valorização.

A partir de 1973, os materiais riscadores e de suporte foram tal vez os primeiros referentes, tendo desempenhado um papel fundamental na criatividade da produção pessoal. Recordo-me dos lápis Viarco¹ (Figura 2) que permitiram realizar muitos desenhos, e de outros objectos como borrachas, cadernos e sebatas onde ensaei o desenho da letra entre duas linhas com um espaço muito reduzido entre si.



Figura 2. Frente e verso da embalagem e respectivos lápis da marca Viarco. Fonte própria.

A TAP proporcionou uma experiência sem par sendo um referente importante uma vez que toda a cultura material existente e a vivência sentida neste ambiente foi fundamental para o imaginário dos meus jogos, de brincar aos “aerportos” e serviu de inspiração para os meus desenhos. O seu impacto foi tal, que com apenas cinco anos de idade queria de ser hospedeira de bordo. No entanto, são os meus pais que, naturalmente, surgem como figuras centralizadas que personificam modelos e que propõem modelos da

¹ A Viarco tornou-se num ícone para muitas gerações portuguesas sobretudo até ao início dos anos 80, por ser a marca com maior presença no mercado nacional.

cultura visual. O meu pai espelhou sobretudo um modelo comportamental, porque passava muitas horas a trabalhar na sua secretária e eu ao seu lado não só o ia admirando, como na sequência dessa observação, ao ver a sua produção caligráfica senti-me identificada com o modelo passando a representar o seu estilo. Paralelamente, como também o amava procurava, ser a filha modelo que correspondia aos seus pedidos na realização de desenhos, que tanto o entusiasmavam e na correspondência dessa alegria acabava eu própria por deixar-me entusiasmar, num sentimento recíproco. Por estes motivos a realização de desenhos acabou por ser a forma de brincar que mais me encantava.

O leque de objectos foi variando em termos da sua tipologia, enquanto referentes, como por exemplo o carro do meu pai, um FIAT 850, que era um objecto importante por ‘unir’ a família num espaço mais contido, ao mesmo tempo que proporcionava passeios a lugares desconhecidos.

Outro exemplo passou pela a arquitectura de uma igreja em Moçambique, que acabei por a representar num dos meus desenhos (Figura 3).

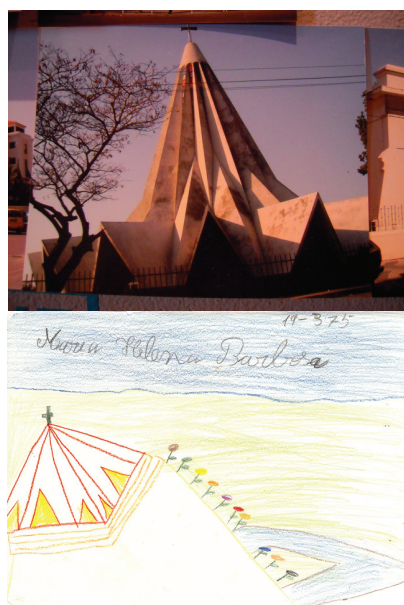


Figura 3. Fotografia do edifício situado em Lourenço Marques (Moçambique) e o respectivo desenho (1975). Fonte própria.

A união à restante família, que ficara em Portugal, fazia-se com os postais enviados, cujas representações se tornaram, em alguns casos, referentes pela sua estética e da minha parte com respostas dadas por intermédio do desenho (Figura 4).



Figura 4. A minha irmã (esq.) e eu (dir.) a escrever para a família em Portugal (1973). Fonte própria.

Existiu um caso particular de um postal que se tornou num modelo, não tanto pela representação em si, mas pelo facto de ter sido a primeira vez que a minha tia Mimi me enviou um postal, uma vez que em Moçambique a troca de correspondência era um acto comum.

Os selos contidos nos postais foram igualmente referentes importantes, dada a sua retórica visual, com a participação de artistas conceituados e que também estavam presentes na ilustração dos livros escolares, como sucedeu com a Maria Keil e o Luis Filipe de Abreu (Figura 5).



Figura 5. Capa e miolo do livro de leitura da 2ª classe (1975/76) com ilustrações de Maria Keil e Filipe de Abreu. Fonte própria.

A TV surgiu com os referentes Pantera cor-de-rosa, a Abelha Maia (Figura 6) e os Marretas, para além da publicidade, que eu assumia como uma espécie de programa televisivo.



Figura 6. Desenho da abelha Maia (1979). Fonte própria.

No entanto, os referentes que acabaram por suscitar o meu interesse estavam relacionados com design gráfico. Os cartazes terão sido o artefacto comunicacional com maior impacto de que me recordo da minha infância, por dois motivos: em Moçambique existiam muito poucos e em Portugal eles ocupavam todos os espaços. Essa influência reflecte-se na celebração do aniversário do 25 de Abril em 1978, cujo desenho foi inspirado num cartaz de autoria de João Abel Manta (Figura 7).



Figura 7. Cartaz de João Abel Manta (1975). Arquivo da Biblioteca Nacional de Portugal, e respectivo desenho dedicado aos meus pais (1978). Fonte própria.

Mais tarde este artefacto acabou por preencher as paredes do meu quarto, já nos anos 80, como os cartazes de João Machado e Armando Alves. As publicações ilustradas, a banda desenhada, e os livros cuja encadernação era apelativa, acabaram por merecer a minha atenção e consequentemente, o interesse pela leitura surgiu por estes motivos. Destaco a colecção de livros da Anita, realçando a Anita no Ballet que me levou à prática dessa actividade desde os dez até aos quinze anos de idade, os cartoons do Mickey, do Gastão La Gaffe, do Tintin e do Snoopy e de muitos outros livros de autores portugueses conceituados e diversificados como as Farpas de Ramalho Ortigão, os Maias de Eça de Queirós, os Bichos de Miguel Torga e os Lusíadas de Luís Vaz de Camões.

Paralelamente, a produção discográfica representou uma fonte importante de referentes estéticos, por revelar uma inovação ao nível das representações.

Por fim queria destacar mais uma vez o desenho caligráfico do meu pai para os álbuns de fotografias legendados com uma pena, que me levaram não só fazer colecção desses objectos como também a usar o mesmo modelo conceptual nos meus (Figura 8).

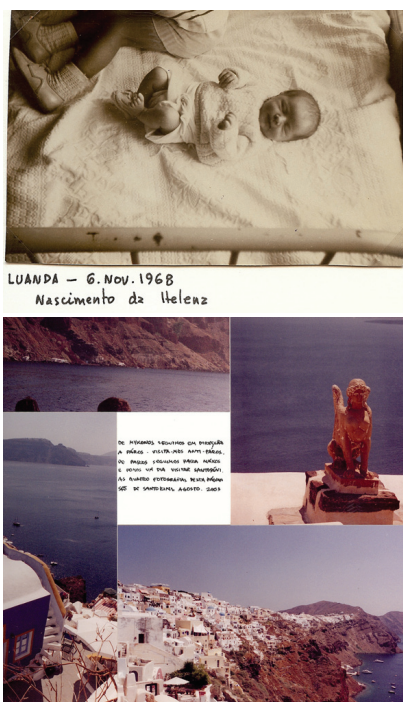


Figura 8. Pormenor de um álbum de fotografias com a legenda escrita pelo meu pai (esq.), e outro pormenor com a legenda escrita por mim (dir.). Fonte própria.

3. A PRODUÇÃO RESULTANTE DAS INFLUÊNCIAS DA CULTURA MATERIAL

“Em definitivo, se há influência, ela não se pode reduzir exclusivamente à imagem, mas pode ser a resultante de todo um contexto exemplar e persuasivo, do qual a imagem faz decerto parte, mas não se pode resumir a ela só” (JOLY, 2000).

Se modelos e referentes dão origem a uma produção, o resultado é sempre a combinação de uma série de factores, que não se prende apenas com a cultura material como também é derivada de uma forma de estar entre a autoria e os outros. Ambos são resultado de duas situações distintas, por um lado o seguimento de um modelo, onde a *mimésis* é a base para a construção da identidade, e por outro a existência da necessidade da diferença e do destaque. Sendo a produção o veículo demonstrador das intenções e de desejos específicos, resultando num artefacto onde, a partir dele próprio, enquanto resultado, pretende marcar a diferença. Ao nível da produção essa diferença é uma necessidade que passa a ser uma constante, independentemente da sua expressão. “Com efeito, a arte é verdadeiramente reveladora do indivíduo, submetido, em grande parte, às disciplinas do grupo, mas encontrando em si próprio, por um lado, uma inevitável injunção para afirmar a sua personalidade distinta” (HUYGHE, 1986). Na verdade a ideia de singularização, surge em fases mais tardias do desenvolvimento do indivíduo, sendo a infância um espaço onde, por norma, se copiam situações, sejam elas de cariz comportamental ou da cultura material. Esta conclusão é resultante da minha experiência pessoal.

Para ilustrar a produção resultante das influências da cultura material, recorreu-se aos desenhos. O da TAP, revela três preocupações na representação: a ideia de perspectiva, a presença da marca e ainda a colocação da bandeira portuguesa numa das extremidades da asa do avião (Figura 9).



Figura 9. Logótipo da TAP e o desenho do avião da TAP (1974). Fonte própria.

Essa procura de aproximação à realidade, no sentido da cópia, reflecte-se em outras instâncias conforme se verifica no desenho da minha caligrafia em criança que é correspondente ao desenho da caligrafia do meu pai, quando este me dirigia correspondência, que desenhava o meu nome numa linguagem gráfica aproximada à representação infantil. É igualmente interessante verificar que actualmente, o desenho das minhas letras maiúsculas, é igual à do meu pai e as minúsculas são muito próximas da caligrafia da minha mãe (Figura 10).



Figura 10. (Cima) Caligrafia do meu pai. (Baixo) Minha caligrafia (1975). Fonte própria.

Ao nível da representação, desde cedo tive uma preocupação com a transposição da realidade para o papel, assumindo a perspectiva como um argumento gráfico de extrema importância que tornava possível a aproximação do real. O desenho do carro vermelho é exemplar dessa intenção. O FIAT 850 foi desenhado com a intenção de poder funcionar (se houvesse magia suficiente para isso) (Figura 11).



Figura 11. (Cima) Fotografia do automóvel da nossa família. (Baixo) Desenho inspirado no FIAT 850 (1974). Fonte própria.

O bilhete postal da Tia Mimi representou um momento especial, que teve de ser celebrado pela cópia do seu desenho, onde se acrescentou um conjunto de elementos, criando um cenário mais elaborado para integrar o cão, com uma casota dando-lhe a ideia de perspectiva através da volumetria (Figura 12).



Figura 12. (Esq.) Postal enviado pela minha tia. (Dir.) Desenho inspirado no postal (1974). Fonte própria.

